

## POLÍTICA BRASILEIRA NOS JORNAIS PORTUGUESES: O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF NO “JORNAL DE NOTÍCIAS”, NO “PÚBLICO” E NO “CORREIO DA MANHÃ”

*Camila da Silva Fernandes<sup>1</sup>*

*Fernando António Dias Zamith<sup>2</sup>*

### Resumo

A mídia é uma instituição permeada pela subjetividade e que, portanto, produz enquadramentos do mundo. Com esse pressuposto é possível imaginar que diferentes jornais enquadram os acontecimentos de maneiras distintas. O objetivo deste trabalho é analisar essas diferenças, comparando três jornais impressos portugueses na cobertura de um caso específico: o impeachment de Dilma Rousseff no Brasil. Através da análise de conteúdo o trabalho tenta verificar indicadores quantitativos e qualitativos que demonstrem ou não essas diferenças, principalmente entre si e em relação aos jornais brasileiros.

**Palavras-chave:** *Enquadramento; Jornalismo internacional; Impeachment; Imprensa portuguesa.*

### INTRODUÇÃO

A palavra *impeachment*, traduzida literalmente, significa “impedimento” ou “impugnação”. No âmbito judicial brasileiro, um processo de impeachment pode ser instaurado contra altas autoridades do governo sob acusação de crime de responsabilidade. De acordo com a Constituição Federal Brasileira de 1988, os crimes de responsabilidade ocorrem quando o governante fere algum artigo do texto constitucional. Após a acusação e

---

<sup>1</sup> Graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela UFMG. E-mail: camila.sfernandes@outlook.com.

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Universidade do Porto.

o julgamento, caso o processo de impeachment seja efetivado, o réu é afastado do cargo ocupado e perde o direito de exercer funções políticas por 8 anos.

O processo de impeachment da ex-presidenta eleita do Brasil, Dilma Vana Rousseff, foi votado pela primeira vez na Câmara dos Deputados no dia 17 de abril de 2016. Menos de um mês depois, em 12 de maio do mesmo ano, o processo foi aprovado no Senado e Dilma Rousseff foi afastada do cargo por cento e oitenta dias, prazo durante o qual o processo deveria ser concluído. A votação final aconteceu no dia 31 de agosto de 2016, quando Rousseff foi definitivamente destituída e a Presidência da República foi assumida pelo então vice-presidente Michel Temer. Apesar de ter sido condenada por crime de responsabilidade, Dilma Rousseff não perdeu os direitos políticos.

Com cinco meses de duração, o segundo processo de impeachment da história do Brasil gerou grandes polêmicas. Isso porque as acusações contra Dilma não justificariam uma medida tão extrema. Inúmeros protestos foram organizados contra e a favor do processo, e a grande mídia foi mais uma vez acusada de conspirar e manipular a opinião pública. Como fica claro nas palavras de Hoffmann (2017, p. 11), “apesar de manter o discurso de defesa da imparcialidade e da verdade, a grande imprensa brasileira posicionou-se constantemente a favor da saída de Dilma e virou alvo de críticas em relação à cobertura dada ao assunto”. Segundo a autora “o posicionamento adotado explica-se pelos interesses empresariais dos grandes grupos detentores dos meios de comunicação no Brasil” (HOFFMANN, 2017, p. 11).

Diante desse cenário, em que a cobertura do caso pela imprensa brasileira demonstra a subjetividade jornalística, a construção e o favoritismo a determinados enquadramentos, assim como a capacidade de influência deles sobre os espectadores, surge a curiosidade de verificar como o caso foi relatado pela mídia internacional. Afinal, “o retrato da política nacional nos veículos estrangeiros tem grande poder de influência no estabelecimento de políticas externas e cooperação entre os países”, e o jornalismo internacional “apresenta-se como um instrumento para a construção de imagens da sociedade que vão além das fronteiras continentais” (HOFFMANN, 2017, p. 3).

Alguns estudos já foram feitos analisando a cobertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff fora do Brasil, principalmente em jornais franceses, norte-americanos e espanhóis. No entanto, não encontrei estudos comparativos entre jornais portugueses, o que

é justamente o foco deste trabalho. Para além da irmandade trazida pelo idioma, Brasil e Portugal estão historicamente ligados desde a época da colonização. Após a independência, o interesse dos portugueses na cultura brasileira permanece. Se, como afirma José Mattoso (1998), a identidade de Portugal foi construída como uma terra-mãe, que na época dos descobrimentos se via na obrigação de levar a “boa cultura” e a religião aos povos do mundo, o Brasil foi visto por muito tempo como uma criação lusitana, cujas fronteiras culturais se expandiram para muito além das que foram dadas pelo país colonizador. Pensando nisso, ousa dizer que há ainda um interesse especial da mídia portuguesa por tudo o que se relaciona com o Brasil, assim como há pelas outras antigas colônias e pela Espanha, vizinha territorial.

## OBJETIVOS E METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho é analisar as diferenças na cobertura do impeachment de Dilma Rousseff por três jornais portugueses: um jornal de referência e dois populares. A pergunta que deu origem às análises foi: “Como as informações sobre o processo de impeachment de Dilma Rousseff foram apresentadas pelo *Correio da Manhã*, pelo *Jornal de Notícias* e pelo *Público*, no período em que a ex-presidenta do Brasil foi deposta?”. A intenção principal é perceber se o modo como a informação foi apresentada nos jornais, assim como a relevância dada ao assunto, foi diferente, tendo em vista que a proposta de abordagem das notícias internacionais nos três jornais parece diferir.

O recorte temporal escolhido focalizou as notícias publicadas entre os dias dezoito de agosto e dois de setembro de 2016, doze dias antes e dois dias depois da votação final, que aconteceu no dia 31 de agosto. Esse período foi escolhido por ser o ápice do processo, um momento em que a mídia já estava imersa no assunto e já haviam se construído linhas de pensamento mais bem definidas. Nos dias anteriores à conclusão do processo as matérias giram em torno das acusações e defesas, e dos escândalos do julgamento. Nos dois dias após a conclusão, o tema central é o que se espera do futuro do Brasil. A inclusão dos dias primeiro e dois de setembro foi necessária justamente para verificar a repercussão da conclusão do processo.

Para estudar a amostra definida, a metodologia escolhida foi a análise de conteúdo, “conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um

documento” (CAMPOS, 2004, p. 611), combinando a coleta e análise de doze indicadores quantitativos, mais as observações e percepções qualitativas dos textos publicados com base na bibliografia de referência.

## JORNALISMO INTERNACIONAL E NOTICIABILIDADE

De acordo com Lima e Viana (2013), “é importante notar que o jornalismo internacional surgiu muito antes da consolidação de uma adequada infraestrutura de comunicações”. Saber o que acontecia em lugares distantes já interessava, mesmo nas sociedades medievais, principalmente após o surgimento do comércio. “O jornalismo, enquanto atividade profissional, já teria nascido internacional [...] pois os primeiros veículos de imprensa, criados na Europa, no século XVII, tinham a função principal de informar leitores locais sobre fatos acontecidos no exterior” (LIMA; VIANA, 2013, p. 3).

A curiosidade sobre o “outro” e o desejo de romper barreiras e conhecer diferentes realidades estão no cerne do jornalismo internacional, que, mais do que cobrir eventos e produzir notícias sobre países estrangeiros, apresenta-se como um instrumento para a construção de imagens da sociedade que vão além das fronteiras continentais. A quem não tem acesso físico ou conhecimento geopolítico e cultural específico, o jornalismo internacional, muitas vezes, é a única forma de contato com acontecimentos desenrolados em outras partes do globo, e, portanto, tem grande responsabilidade sobre a forma como relata o que vê e como imagina o mundo (HOFFMANN, 2017, p. 3).

Nas palavras da autora, destacam-se, nas editorias internacionais, “notícias ligadas a figuras de conhecimento e prestígio internacional, principalmente as de teor negativo”. Segundo a pesquisadora isso pode ser explicado pela teoria dos valores-notícia, e pela máxima “bad news is good news” (HOFFMANN, 2017, p. 3).

Os critérios de noticiabilidade são uma discussão antiga no jornalismo, que busca entender por que a mídia é o que é. Em outras palavras, de onde surgem as notícias? Por que algumas coisas saem na capa dos jornais e outras não? Segundo Motta, “os velhos manuais dizem que para ser notícia, um fato deve ter atualidade, proximidade, proeminência (da pessoa envolvida), impacto e significância, pelo menos” (MOTTA, 2012). Esses e outros critérios pré-definidos, de acordo com o autor, orientam a rotina de produção do jornalista.

Os ‘valores-notícia’ operacionalizam as práticas profissionais nas redações, sugerindo o que deve ser escolhido, omitido, realçado. São regras práticas que guiam os procedimentos profissionais nas redações, fácil e rapidamente aplicáveis, orientados para a eficiência produtiva (Motta 2012).

Nas editorias internacionais, os critérios são um pouco diferentes, mas ainda assim é possível identificar certo padrão de noticiabilidade. Como se trata de um olhar lançado sobre um mundo distante, “o estrangeiro”, no jornalismo internacional fica ainda mais evidente a função do ponto de vista do jornalista ou do jornal. No caso aqui analisado, apesar de suas diferenças, os três jornais têm em comum o fato de observarem um acontecimento político no Brasil a partir do modelo de jornalismo de Portugal. De acordo com Hallin e Mancini (2004), o jornalismo português possui alto nível de instrumentalização e paralelismo político, ou seja, é altamente influenciado por partidos, e muitas vezes usado como forma de influenciar opiniões, favorecendo determinados atores do jogo político. Os autores não especificam, no entanto, se essa característica se aplicaria também à cobertura de eventos internacionais, já que se trata de uma outra realidade na rotina editorial.

## ANÁLISE DOS JORNAIS

De acordo com a Associação Portuguesa para o Controlo da Tiragem e Circulação, *Correio da Manhã*, *Jornal de Notícias* e *Público* são os três jornais generalistas diários de maior tiragem em Portugal. Os três possuem uma editoria chamada “mundo”, dedicada exclusivamente a assuntos internacionais. A maioria dos textos aqui analisados foi publicada nessas editorias, com exceção do texto de opinião e editoriais, e de um perfil de Dilma Rousseff publicado na coluna “caras da semana” do jornal *Público*.

O *Correio da Manhã* é um jornal popular, conhecido entre os portugueses com sensacionalista. Foi fundado em 1989 e vendido ao grupo Cofina em 2000. Hoje é dirigido por Octávio Ribeiro e é o jornal de maior circulação em Portugal. O *Jornal de Notícias*, conhecido como JN, é o mais antigo dos três — foi fundado em 1888 e é o segundo no ranking de distribuição. Atualmente pertence ao Global Media Group e é dirigido por Afonso Camões. O *Público*, que já nasceu com o intuito de ser um jornal mais “intelectual”, tem a mesma idade que o *Correio da Manhã* — também foi fundado em 1989. É um jornal generalista português considerado de referência e não popular, com

distribuição em todo o território nacional. Pertence ao grupo Sonae, e é atualmente dirigido por David Dinis.

Neste trabalho foram analisadas 25 matérias e sete textos de opinião. A média de matérias publicadas pelos três jornais foi uniforme (8 pelo CM, 9 pelo JN e 8 pelo *Público*), mas *O Público* foi o único dos três que trouxe editoriais e textos de opinião. Numa primeira observação dos jornais já foi possível perceber que o tratamento dado ao assunto difere em alguns pequenos aspectos, assim como a proposta da editoria internacional de cada um. O *Correio da Manhã*, diferentemente dos outros dois que parecem focar em questões de política e economia, se centra muito em curiosidades e *fait divers* internacionais.

Para tentar responder à pergunta que deu origem a este trabalho e verificar a hipótese de que a cobertura feita pelos três jornais seria diferente entre si, assim como diferente da mídia brasileira, foi necessário trabalhar com um conceito chave que guiasse a coleta dos indicadores. Na pergunta “como as informações sobre o processo de impeachment de Dilma Rousseff foram apresentadas pelo *Correio da Manhã*, pelo *Jornal de Notícias* e pelo *Público*, no período em que a ex-presidente do Brasil foi deposta?”, o conceito central foi justamente “apresentação”, pois era essa a variável que permitiria verificar as semelhanças e diferenças da cobertura.

Com base na revisão bibliográfica apresentada anteriormente, o termo apresentação foi convertido em “enquadramento”. Afinal, ao apresentar-nos algo, o que a mídia faz é dar-nos quadros do real, recortar e enquadrar.

O uso do conceito de enquadramento tem origem na obra *Frame Analysis* (1986), do sociólogo Erving Goffman, que define enquadramentos como uma proposta de interpretação da realidade que pode ser aplicada às interações sociais. De caráter subjetivo e construídos socialmente, os enquadramentos permitem às pessoas dar sentido a eventos e situações cotidianas. Já no campo da comunicação, o conceito de enquadramento foi usado pela primeira vez por Gaye Tuchman, no livro *Making News* (1978), que estudou como as notícias impõem enquadramentos que constroem a realidade e limitam um entendimento analítico da vida contemporânea (HOFFMANN, 2017, p. 4).

Citando Adriano Duarte Rodrigues, Luiz Gonzaga Motta afirma que, ao relatar um acontecimento, “a mídia produz ao mesmo tempo um novo acontecimento que vem se integrar ao mundo” (MOTTA, 2012). É que a notícia publicada não é o fato em si, mas uma versão dele, contada por um ponto de vista. Isso é o que faz com que, apesar de



partilharem da condição de jornais impressos portugueses retratando um fato internacional, Público, *Jornal de Notícias* e *Correio da Manhã* possam apresentar versões diferentes do fato aqui analisado. Não se trata de certo ou errado, de contar ou não a história verdadeira, mas sim do modo como esta é enquadrada.

Para Maurice Mouillaud,

Yoda e qualquer informação engendra o desconhecido, no mesmo movimento pelo qual informa; inicialmente, porque produz uma superfície visível induz um invisível como seu avesso (a vitrine mostra e esconde, a palavra diz e não diz) (MOUILLAUD, 2002).

Em outras palavras, toda mídia produz enquadramentos, e cada notícia é nada mais que um quadro do real. De acordo com o autor, “Não há, não pode haver um ‘todo-informativo’” (MOUILLAUD, 2002).

Para verificar o enquadramento dado por cada um dos jornais, foram definidas três dimensões de análise, com seus respectivos componentes, medidos em indicadores quantitativos: o enquadramento dado à política brasileira (partidária ou esquerda/direita); a apresentação do julgamento e exposição do caso (base legislativa, argumentos da acusação e da defesa); e o enquadramento geral dado ao assunto (relevância, exposição e opinião).

Cada dimensão tem em média quatro indicadores, que podem ser conferidos nas tabelas a seguir.

Tabela 1. Dimensão 1 - Enquadramento da política brasileira

Tabela 1		Enquadramento da política brasileira		
Dimensão		Esquerda e/ou Direita		
		<i>Correio da Manhã</i>	<i>Jornal de Notícias</i>	<i>Público</i>
<i>Indicador 1</i>	Menção ao termo “direita”	0	0	2
<i>Indicador 2</i>	Menção ao termo “esquerda”	0	1	2
Dimensão		Partidária		
<i>Indicador 3</i>	Menção a partidos*	0	12	15
<i>Indicador 4</i>	Menção a nomes de outros políticos**	9	15	39

Fonte: Elaboração dos autores

\*PT, PMDB, Democratas, PSDB, PCdoB.

\*\* Michel Temer, Lula, Renan Calheiros, Aécio Neves, Eduardo Cunha, Ronaldo Caiado, Cássio Cunha Lima, Kátia Abreu, Lindbergh Farias, Gleisi Hoffmann, Paulo Bernardo, Fernando Collor, Joaquim Levy, José Dirceu, Aloysio Nunes, José Serra, Bruno Araújo, Telmário Mota, João Goulart, Fernando Henrique Cardoso, Vanessa Grazziotin, Bresser Pereira, José Sarney, Bernie Sanders, Hillary Clinton.

O *Correio da Manhã* não menciona os termos “esquerda” ou “direita”, também não menciona nenhum partido político e cita nomes de outros políticos apenas nove vezes. O *Jornal de Notícias* menciona o termo esquerda apenas uma vez, ao falar que o então presidente interino Michel Temer é visto como golpista por Dilma Rousseff e pela esquerda. O JN menciona partidos doze vezes, e cita outros políticos quinze vezes. Já O *Público* cita uma vez o termo esquerda e uma vez o termo direita, menciona partidos políticos quinze vezes, e cita nomes de outros políticos 39 vezes.

Ao contrário do que acontece na grande mídia brasileira, os jornais portugueses não centram-se na dualidade direita versus esquerda. O *Correio da Manhã* não trouxe grandes explicações sobre a situação política do Brasil, apenas se limitou a contar resumidamente os últimos acontecimentos do processo, sem se aprofundar em contextualizações. Apesar



de trazer textos bem mais detalhados, o *Jornal de Notícias* também não se aprofunda muito na situação política. São textos mais completos, mas apenas com as informações necessárias para entender minimamente os acontecimentos. O único que realmente se aprofunda no assunto é *O Público*, fazendo análises e previsões sobre a política brasileira, buscando opiniões de especialistas, desenhando perfis de todos os envolvidos e organizando cronologicamente todos os acontecimentos.

Tabela 2. Dimensão 2 – Apresentação do julgamento

Tabela 2		Apresentação do julgamento		
Dimensão		Legislação		
		<i>Correio da Manhã</i>	<i>Jornal de Notícias</i>	<i>Público</i>
<i>Indicador 5</i>	Menção a leis ou à Constituição Federal	2	3	4
Dimensão		Equilíbrio entre acusação e defesa		
<i>Indicador 8</i>	Número de falas de Dilma Rousseff	2	11	18
<i>Indicador 9</i>	Número de falas de outros políticos	1	11	15

Fonte: Elaboração dos autores

Os três jornais falam pouco sobre legislação ou sobre a Constituição Federal Brasileira. Na maioria das vezes em que ela é citada, isso acontece na fala de algum político. Também não há muitas explicações sobre o que seriam os crimes de responsabilidade que deram início às acusações contra Dilma. Novamente, quem explica mais e traz mais detalhes do assunto é *O Público*. O *Correio da Manhã* praticamente não usa falas nos textos (apenas três). O *Jornal de Notícias* cita onze falas de Dilma e onze falas de outros políticos, mas das vozes que aparecem, com exceção de Dilma, a maioria

são de acusação. *O Público* também equilibra bem o número de falas da ex-presidenta com as de outros políticos, com a diferença de que ele é, entre os três jornais, o que dá mais voz aos argumentos da defesa.

Tabela 3. Dimensão 3 – Enquadramento geral do assunto

Tabela 3		Enquadramento do assunto		
Dimensão		Relevância dada		
		<i>Correio da Manhã</i>	<i>Jornal de Notícias</i>	<i>Público</i>
<i>Indicador 10</i>	Tamanho dos textos (pequeno, médio, grande)	3G/2P/1M	3G/2M/4P	7G/1P
<i>Indicador 11</i>	Presença e número de fotos	10	8	35
<i>Indicador 12</i>	Matérias de capa	1	2	3
Dimensão		Exposição		
<i>Indicador 6</i>	Número de matérias ou notas	8	9	8
Dimensão		Opinião		
<i>Indicador 7</i>	Número de textos de opinião	0	0	7

Fonte: Elaboração dos autores

*O Jornal de Notícias* foi o que teve o maior número de matérias (9), mas *O Público* foi o único que teve textos de opinião (quase todos claramente contra o impeachment). Os editoriais do *Público*, apesar de reconhecerem problemas políticos e erros no governo de Dilma, apontavam o processo de impeachment como injusto e incoerente. Sobre a relevância, é perceptível que os três jornais deram a devida importância ao assunto. Todos eles apresentaram matérias grandes e em número significativo. *O Público*, no entanto, teve as maiores matérias, mais detalhadas, e com muito mais fotos que os outros dois. No total, o período analisado teve seis matérias de capa (uma do CM, duas do JN e 3 do *Público*).

Sobre as fontes empregadas, o *Jornal de Notícias* usou muitas vezes informações de agências de notícias, mais especificamente a *Agência Lusa*. O *Correio da Manhã* tem muitos textos de Domingos Grilo Serrinha, correspondente do jornal no Brasil. Já *O Público* teve textos escritos por diferentes jornalistas, não necessariamente correspondentes, mas com um ponto em comum: todos especialistas em política, e por isso perfeitamente capazes de aprofundar o assunto.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três jornais analisados, apesar de terem estatutos editoriais semelhantes, são conhecidos de modos diferentes pelos leitores. A cobertura dada na prática apresenta diferenças significativas, ao que se pode observar nas editorias internacionais, especificamente no tema aqui tratado. As diferenças na cobertura dos três jornais é clara, apesar de não ser tão extrema. Enquanto o *Correio da Manhã* se presta apenas ao dever de informar minimamente sobre o assunto, sem grandes detalhes, o *Jornal de Notícias* oferece informações que permitem ao leitor entender as causas e consequências do processo. *O Público*, por sua vez, não só dá os detalhes como se propõe a analisá-los e buscar opiniões de especialistas para complementá-los. Os enquadramentos dados não são sempre diferentes, mas é possível inferir que os leitores de cada um dos jornais não ficaram com a mesma percepção sobre o assunto. É importante ressaltar, no entanto, que as diferenças podem não ser somente por escolha editorial: o fato de um dos jornais trabalhar com agência de notícias, um usar correspondentes e o outro ter especialistas em política já é algo que, por si só, induz a coberturas diferentes.

Além das conclusões prévias, já apresentadas acima, também foi possível perceber no percurso do trabalho que muitos dos detalhes que eu esperava encontrar nos textos não existiam. Entendemos isso como um sinal de diferença entre o modo como a mídia brasileira trata assuntos como esse, e o modo como as editorias internacionais dos jornais portugueses o tratam, afinal, meus indicadores foram inicialmente definidos com base no meu conhecimento sobre a mídia brasileira. Apesar de não ser este o objetivo do trabalho, um ponto ficou claro e chamou bastante atenção: a mídia portuguesa parece não ter se pautado pela mídia brasileira, pelo contrário, foi capaz de construir imagens completamente distintas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS FILHO, Clóvis; PRAÇA, Sérgio. “Agenda setting, newsmaking e a espiral do silêncio”. In: CITELLI, Adilson et al (Orgs.). **Dicionário de Comunicação: escolas, teorias e autores**. São Paulo: Editora Contexto, 2014, p. 25-35.

CAMPENHOUDT, Luc Van; QUIVY, Raymond. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 4ed. Lisboa: Gradiva, 2005.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo. **Rev Bras Enferm**, Brasília, 57(5), p. 611-4, set./out. 2004.

CARVALHO, Carlos Alberto de. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. **Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, Rio de Janeiro, 2009.

CORREIO DA MANHÃ, **Estatuto Editorial**. Disponível em: <[http://www.cmjornal.pt/mais-cm/lei-da-transparencia/detalhe/estatuto\\_editorial](http://www.cmjornal.pt/mais-cm/lei-da-transparencia/detalhe/estatuto_editorial)>. Acesso em: 22 Nov. 2017.

GUAZINA, Liziane Soares; PRIOR, Elder; ARAÚJO, Bruno. **Enquadramentos de uma crise: o impeachment de Dilma Rousseff em editoriais nacionais e internacionais**. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

HOFFMANN, Anita Gonçalves. A cobertura do impeachment de Dilma Rousseff na imprensa francesa. **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, 2017.

*JORNAL DE NOTÍCIAS*. **Estatuto Editorial**. Disponível em: <<https://www.jn.pt/estatuto-editorial.html>>. Acesso em: 22 Nov. 2017.

LIMA, Maria Érica de Oliveira; VIANA, Bruno César Brito. Além das fronteiras: uma breve reflexão sobre a trajetória do Jornalismo Internacional. **Culturas Midiáticas** - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, ano VI, n. 10, jan./jun. 2013.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Enquadramento - Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, p. 185-235, 2012.

MOTTA, L. G. F. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 3ed. Brasília: Editora UnB, 2012, p. 697-713.

MOUILLAUD, Maurice. A informação ou a parte da sombra. In: \_\_\_\_\_. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: UNB, 2002, p. 37-47.

PÚBLICO, **Estatuto Editorial**. Disponível em: <<https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial>>. Acesso em: 22 Nov. 2017.